



CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS

Informativo Bimestral

*Recebemos do Rev. Jaci Maraschin,
relatório sobre sua visita a Nova York:*

SEMANA SANTA E PÁSCOA EM NOVA YORK

Jaci Maraschin

Domingo de Ramos - Os fiéis da igreja da Santa Maria Virgem, no Times Square, saíram em procissão pelas ruas movimentadas nos arredores da Broadway, entre conhecidas casas de teatro musical, cinemas, restaurantes e bares, liderados pelo cruciferário, ladeado por grandes tochas acesas e envolvido por nuvens de incenso. Seguiam-no o clero devidamente paramentado, o coral de homens e mulheres, e a congregação, cantando antigos hinos com acompanhamento de trompetes e outros instrumentos de sopro. Carregavam ramos de palmeira e de outras árvores e chamavam os transeuntes para a comemoração da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Voltaram para a grande igreja gótica onde a missa foi celebrada e a comunhão distribuída para centenas de pessoas. Essa conhecida igreja anglicana situa-se na rua 46 de Manhattan, também conhecida como "Little Brazil", por causa do grande número de lojas e restaurantes de nosso país. É o exemplo mais visível do catolicismo anglicano nos Estados Unidos, cheio de vida e espiritualidade, voltado para as necessidades da vizinhança ao mesmo tempo em que se abre para os novos tempos incluindo, até mesmo no seu clero residencial o ministério de uma mulher ordenada presbítera. Essa paróquia é também conhecida pela excelência de sua música litúrgica e pela fervorosa participação de seus membros nas diversas atividades que realiza no centro da grande cidade de Nova York.

Vésperas de Jazz - *Participei às 17h no ofício de vésperas da Igreja Luterana de São Pedro caracterizado pelo uso de música de jazz. Trata-se de uma igreja de estilo arquitetônico contemporâneo especializada em ministrar aos amantes de teatro e da vida noturna da cidade. Aos domingos de tarde a igreja recebe diferentes formações jazzísticas que trazem sua arte e sensibilidade para o enriquecimento do culto. Os membros da igreja celebravam também a entrada de Jesus em Jerusalém carregando palmas ao ritmo do jazz e dos blues.*

Segunda-Feira da Semana Santa - Voltei à antiga paróquia da Trindade, no começo da Wall Street, cercada de túmulos de diversos séculos e dos mais poderosos bancos da economia norte-americana. Visitei o escritório do Trinity Parish Grants, do outro lado da rua e fui recebido pelo revdo. James Callaway, seu diretor. Foi esse Fundo que, no passado, financiou o projeto intitulado, "O novo canto da terra", conhecido de alguns dos leitores deste relatório. O revdo. Callaway me disse num e-



mail que minha visitava "enchia-lhe o coração com um novo canto", referindo-se, naturalmente, ao antigo projeto de que falei acima. Eu levava para ele o pedido de ajuda para um projeto de intercâmbio entre o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da UMESP, e o Seminário Ecumênico de Matanzas, em Cuba. Fiquei sabendo que o Trinity Parish Grants ajuda, atualmente, inúmeros projetos de desenvolvimento educacional e social nas províncias anglicanas da África. Percebi que o ranço conservador e fundamentalista dos africanos não se aplica à recepção do dinheiro dos liberais e "modernistas" anglicanos dos Estados Unidos.

Visitei também a St. Paul's Chapel, perto da Trinity Church, onde, nos bons tempos em que estudava no General Theological Seminary, eu trabalhei como assistente do seu pároco. A pequena igreja construída por Sir Christopher Wren, transformou-se agora num centro de apoio aos moradores mais pobres da região, fornecendo-lhes cerca de duas mil refeições por dia em seus recintos.

De noite aceitei o convite para jantar com o revdo. Patrick Mauney e sua esposa, Mardi, tão queridos pelos brasileiros que tiveram a sorte de conviver com eles quando trabalhavam aqui. Nesse jantar juntaram-se a nós o bispo Christopher Epting, encarregado das relações ecumênicas da Igreja Anglicana Americana, e sua esposa. A conversa girou em torno da situação atual na Comunhão Anglicana e no impacto positivo que a sagração do bispo Gene Robinson (primeiro bispo diocesano abertamente gay no cristianismo) está causando na sociedade civil americana.

Terça-Feira da Semana Santa - Participei ao meio-dia na missa diária da Igreja da Santa Maria Virgem. De noite fui jantar com o bispo primaz da Igreja Anglicana dos Estados Unidos, Frank Griswold a convite dele. Frank foi durante muitos anos membro da Comissão Anglicana/ Católica-Romana e seu co-presidente. Nesses anos de trabalho com ele aprendi a lhe apreciar não apenas o gênio administrativo e teológico como sua total consagração ao evangelho em termos de graça em contraposição à lei. Embora a Igreja Episcopal dos Estados Unidos esteja entre as menores daquele país, sua influência e liderança são reconhecidas por todos. O bispo presidente, Frank Griswold, tem muitos amigos no Brasil e fala com muito carinho a respeito de nossa igreja e gente. Comentei com ele a carta que nosso primaz lhe havia enviado, reafirmando nossa intenção de estar em comunhão com os irmãos do norte e nosso respeito pelas decisões da Convenção Geral da Igreja que ele preside.

Quarta-Feira da Semana Santa - Participei ao meio-dia na liturgia diária da capela do Union Theological Seminary. Fiz uma palestra para os estudantes desse seminário sobre as relações entre modernidade e pós-modernidade na Comunhão Anglicana atual e as dificuldades que temos em aceitar não apenas as diferenças mas também os diferentes na mesa da comunhão. A conferência foi moderada pelo estudante brasileiro, Cláudio Carvalhaes, aluno do terceiro ano do curso de doutoramento do Union. Seguiram-se debates e um almoço comunitário.

Ao entardecer participei no ofício de trevas, chamado pela tradição de Tenebrae, na St. Thomas Church, na Quinta Avenida de Nova York. O grande templo estava lotado. A cerimônia litúrgica foi cantada pelos meninos e homens de seu coral e teve como ponto alto o escurecimento da igreja e o canto do Miserere de Allegri.



Quinta-feira da Semana Santa - Voltei ao entardecer à Santa Maria Virgem para a solene cerimônia da lavagem dos pés e do altar-mor e da procissão eucarística para o altar do repouso numa de suas capelas. A congregação toda é convidada a caminhar com os pés descalços até o santuário onde uns lavam os pés dos outros. O pregador desse ofício foi o padre Louis Weil, professor de liturgia do seminário anglicano em Berkeley, Califórnia, que conheci nos tempos em que eu estudava em Strasbourg e ele em Paris.

Sexta-Feira da Paixão - Escolhi a Igreja de São Bartolomeu para a liturgia da Via Sacra (também conhecida pelo nome latino de Via Crucis), celebrada às 18 horas. Os catorze passos que representam o trajeto de Jesus para o Calvário foram simbolizados por leituras das escrituras, orações e música. Ouvimos, assim, intercaladamente, os catorze movimentos da música para órgão do compositor francês Marcel Dupré, inspirados nesses relatos bíblicos. A grande igreja de estilo bizantino ostentava ao longo de suas paredes obras de arte alusivas a cada um dos passos, desenhadas e pintadas por membros da congregação.

Sábado Santo - De volta à Santa Maria Virgem para a vigília da páscoa, surpreendome com uma das liturgias mais longas a que já assisti. Como sempre se faz, o bispo celebrante benzeu o fogo novo e depois distribuiu essa luz para os membros da grande assembléia litúrgica que empunhavam pequenos círios enquanto se cantava "A luz de Cristo!". Depois do canto do Exultet seguiram-se diversos atos litúrgicos como o batismo de crianças e de adultos, confirmação, renovação dos votos batismais e, finalmente, a santa eucaristia.

Domingo da Páscoa - Nada melhor do que celebrar a festa central da igreja cristã na grande igreja catedral anglicana de Nova York, dedicada a São João Teólogo (St. John the Divine). Acho que todos sabem que essa é a maior catedral gótica do mundo. Não contei quantos pessoas lotavam o imenso templo, mas eram, certamente, milhares. Percebi também que o deão da catedral e o bispo de Nova York não precisaram dos aparatos carismáticos e pentecostais para fazer do culto um momento de alegria e de beleza. Essa alegria e essa beleza manifestavam-se no cântico do povo, nos interlúdios musicais, nas expressões do canto coral, nos sons de inúmeros instrumentos de sopro e de tambores, e nos maravilhosos solos de clarineta do grande compositor e intérprete Paul Winter. Manifestava-se também no fervor das orações do povo, nas leituras bíblicas, no sermão, e no calor acolhedor da saudação da paz e na confraternização ao final do culto. Foi muito bom compartilhar com essa multidão o pão e o vinho da eucaristia. Recordei-me do tempo em que aproveitei o que se chama nos Estados Unidos de "sabático" para revisar minhas pesquisas no Union Theological Seminary e na Columbia University, quase ao lado da catedral, quando o então deão dessa igreja me convidou para tomar parte nas liturgias semanais como se fosse membro do clero que trabalhava lá.



Segunda-Feira depois da Páscoa - Depois de quase nove horas de viagem retorno a São Paulo por volta do meio-dia da segunda-feira. Fiquei pensando no que significa para mim a palavra "comunhão". Trata-se de um ato não premeditado nem pré-estabelecido. Na semana santa estive "em comunhão" com essa parte da igreja de Cristo na cidade de Nova York que incluiu algumas paróquias anglicanas, uma luterana, um seminário teológico ecumênico e algumas pessoas. Estive em comunhão com meu ex-aluno Cláudio Carvalhaes, que é pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Estive em comunhão com o bispo primaz da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, Frank Griswold. Estive em comunhão com dezenas, centenas e milhares de pessoas com as quais comunguei na mesma mesa chamada "do Senhor". E estive em comunhão não por causa de meus méritos nem por causa dos méritos dos outros. Estive em comunhão porque estar na igreja de Cristo é estar em comunhão com os outros sem lhes perguntar no que acreditam, sem julgar seus comportamentos, sem aborrecê-los porque não pensam como eu penso e sem discriminá-los porque são diferentes de mim. Mas, milagrosamente, estive também em comunhão com pessoas que não estavam nessas igrejas nem se preocupavam com definições da fé. Eram motoristas de táxi, cantores de ópera, garçonetes de restaurantes, atendentes de lojas, condutores de ônibus, regentes de orquestras sinfônicas, artistas e professores, entre outros. Acentuou-se a minha desconfiança de que a comunhão que buscamos já está dada nos nossos encontros com os outros e que não depende de nossas estratégias. Passei a acreditar que a nossa "comunhão anglicana" só poderá ser "comunhão anglicana" se tiver a coragem de ser mais do que meramente "anglicana" para ser "humana" enquanto se esvazia de qualquer tipo de exclusividade e se abre sem temor para o encontro com os diferentes. Nesse caso, o nome "anglicano" deixa de ser prioritário para ser apenas mediador de algo maior do que ele.

Jaci Maraschin
2004

Assessorias do CEA – O CEA assessorou a jornada teológica do CETESMA em 12 e 13 de março. O mesmo tema foi abordado no mês de abril na 1ª jornada teológica para o clero e postulantes da Diocese Anglicana de Curitiba (23 a 25 de abril). Em maio, o Coordenador participou em São Bernardo do Campo, do X Simpósio Anual da Sociedade Paul Tillich do Brasil, proferindo uma palestra. Visitou também o SAET em Recife, na companhia do Rev. Eduardo Grillo. Participou ainda de uma banca de avaliação de mestrado na Universidade Mackenzie.

Jornada Teológica do IAET – A Diocese Anglicana de São Paulo convida pessoas interessadas de todas as dioceses para sua jornada teológica anual, que será coordenada este ano pelo Rev. Jaci Maraschin. Os temas serão:

"O Anglicanismo entre a modernidade e a pós-modernidade" (Rev. Jaci Maraschin)



"Que significa comunhão e intercomunhão hoje?" (Rev. Carlos Eduardo Calvani)
"Diversidade de interpretações bíblicas hoje" (Rev. Lauri José Wollmann)
"Relações entre teologia, liturgia e vida no século vinte e um" (Cláudio Carvalhaes)
"Expressões litúrgicas contemporâneas" (Rev. J. Maraschin)
"Que significa 'ministrar' no mundo de hoje?" (Dom Glauco Soares de Lima)
"Nossas relações com outras igrejas e religiões" (Painel com Rev. Jaci Maraschin, o pastor metodista José Carlos de Souza, o pastor luterano Hermann Willie, Dom Glauco Soares de Lima e Rev. Samuel de Souza).

A jornada acontecerá de 02 a 04 de julho. Interessados em participar devem entrar em contato com a secretária diocesana, Valéria Silva.

Sugestões de livros:

SWIDLER, Leonard. *Ieshua: Jesus histórico, cristologia e ecumenismo*. São Paulo, Paulinas, 1993, 163 p.

Swidler é professor na Temple University, na Filadélfia. Seu texto preocupa-se em mostrar que Ieshua é a medida daquilo que significa ser cristão. Embora reconheça que Ieshua não era o Messias esperado pelos judeus (ao menos, de acordo com as concepções messiânicas da época), "tornou-se o Cristo". Mas evitando qualquer suspeita de anti-semitismo, Swidler tenta mostrar que o Ieshua histórico era judeu praticante e devoto. A abordagem de Swidler privilegia algumas narrativas dos evangelhos para frisar que Jesus era feminista. Além disso, Swidler dedica todo um capítulo a argumentar que Ieshua rompia com os estereótipos das chamadas características masculinas e femininas, fixando assim um modelo "andrógino" (ou seja, um ser humano "integrado") para todos. Ou seja, este a quem chamamos "Jesus, o Cristo", era, para Swidler, judeu, feminista e andrógino. O último capítulo do livro liga Cristologia e Soteriologia com o título "A salvação somente pode ser obtida por intermédio de Ieshua, o Cristo?" (CEBC)

COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo, Ed. Paulus, 1998, 319p.

José Comblin, missionário belga radicado há anos no Brasil, é muito conhecido por seus livros sobre Pneumatologia e História do Pensamento Cristão escritos na época de maior impacto da Teologia da Libertação, além de algumas incursões na teologia bíblica. Ultimamente, Comblin andou dedicando-se ao tema da missiologia urbana. A despeito de uma forte influência hegeliana – nunca admitida, mas bastante perceptível – é um dos principais expoentes do pensamento teológico produzido na América Latina. Em "Vocação para a liberdade", Comblin segue fiel a seu estilo de abordar um tema a partir de sua Teologia ou Filosofia da História. Aqui, o tema abordado é o da liberdade, em dez capítulos, desde a Grécia antiga até o que se



costuma chamar "pós-modernidade", com especial destaque para a Patrística, Idade Média e Modernidade. Questões como as liberdades políticas, a liberdade de pensamento, a "autêntica liberdade" e a prática da libertação, são discutidas com muita propriedade. (CEBC).

JONES, Alan. *Sacrifício e Alegria – espiritualidade para o ministro religioso*. São Paulo, Paulus, 1995.

Jones é um clérigo anglicano, Deão da Catedral da Graça, em San Francisco (Califórnia). Trata-se de um excelente texto para todos os que desejam ingressar no ministério ordenado. No livro, Jones conta com sinceridade e numa linguagem leve, suas vitórias e derrotas, forças e fraquezas no ministério pastoral. Indicado a todos os que reconhecem que a grande ambigüidade do ministério pastoral reside em envolver uma grande dose de sacrifício (pessoal, familiar, profissional, etc), mas também de muita alegria. (CEBC)

MARASCHIN, Jaci. *O Espelho e a Transparência – O Credo Niceno-Constantinopolitano e a Teologia latino-americana*. Rio de Janeiro, CEDI, 1989.

É um comentário ao Credo Niceno, que confessamos dominicalmente em nossa liturgia. O livro é escrito numa linguagem leve e bastante agradável, bastante própria para leigos que desejam conhecer melhor certas nuances pouco comentadas do Credo Niceno. Os capítulos são curtos e o texto é dividido de tal forma que serve, inclusive, para classes de preparação para confirmação. O texto pode ser encomendado na nossa livraria anglicana, em Porto Alegre. (CEBC)

UNAMUNO, Miguel. *São Manuel Bueno, mártir*, Porto Alegre, L&PM Pocket, 1999.

Texto curto (77 páginas), de bolso, que pode ser encontrado em qualquer livraria de qualidade. É uma das últimas obras de ficção escritas por Unamuno, centrada em torno de um padre de um pequeno vilarejo espanhol. Em crise com alguns aspectos do seu ministério, o padre Manuel vive seus dilemas pessoais mas em nenhum momento abandona o compromisso assumido de servir ao povo que o procura (CEBC)

Dicas do site www.jesusdespota.pro.br :

SALDARINI, Anthony J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. São Paulo, Paulinas, 2000, 360p.

Costuma-se dizer que, por ser o mais judaico dos evangelhos quanto ao conteúdo, mas o de polêmica mais antijudaica, o evangelho de Mateus assinala o



surgimento do cristianismo a partir do judaísmo. Anthony J. Saldarini invalida essa interpretação, pois nos mostra que, longe de proclamar a substituição de Israel pela Igreja cristã, Mateus escreveu para um público judeu, sem abandonar a tradição judaica.

Pesquisas recentes revelam que entre os judeus e os cristãos do século I havia muitos grupos que acreditavam em Jesus, embora continuassem ligados ao judaísmo. Saldarini afirma que o autor do evangelho de Mateus pertencia a um desses grupos, o que ele comprova com uma argumentação muito bem fundamentada do texto e do contexto histórico desse evangelho. Mateus surge como mestre judaico que se esforça para conquistar a dedicação de seu povo depois da perda catastrófica do Templo em 70 d.C., sem atacar todos os judeus, mas apenas os que se opõem a ele. Segundo Saldarini, há harmonia entre o que Mateus ensina sobre Jesus e o pensamento judaico do século I, com sua tradição de líderes enviados por Deus e mediadores celestes.

FLUSSER, David. *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2000 (Vol I), 252 p.

A erudição do Prof. Flusser (Universidade Hebraica de Jerusalém) é reconhecida no mundo inteiro. Este livro é uma coletânea de artigos analíticos da relação entre os Manuscritos do Mar Morto e o Novo Testamento. Por século somos induzidos ao salto teológico de Malaquias a Mateus, com resultados sempre fragmentados e não poucas vezes incorretos. Mas se quisermos uma teologia neotestamentária com um mínimo de lucidez, devemos trilhar a ponte do período intertestamentário e não o salto. Nas palavras de Flusser, *o ponto de partida é um truísmo: o cristianismo surgiu entre os judeus, foi um dia parte do judaísmo. Por conseguinte, se se deseja analisar as origens do cristianismo, tem-se que estudar o judaísmo antigo (...). Nem Jesus nem a antiga Igreja primitiva viveram num vácuo: eles tinham um conhecimento mais amplo do pensamento judaico, dos relatos judaicos e do modo de vida religioso judaico, do que o que está preservado no Novo Testamento e em antigos escritos cristãos.*

LIMENTAN, Giacoma. *O Midrax - como os mestres judeus liam e viviam a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1998, 147 p.

"Desde a destruição do Templo, Israel viveu num país de pergaminhos". Assim Abraham J. Heschel, um grande pensador, responde a todos que perguntam como os filhos de Israel puderam resistir durante séculos, sem terra e, muitas vezes, sem amigos. As Sagradas Escrituras (o AT) realizaram o milagre de sua sobrevivência. Israel guardou as Escrituras, transcreveu-as, meditou-as, cantou-as, rezou-as e defendeu-as, muitas vezes, até o martírio. Comentou-se, através de uma inesgotável reflexão dos seus mestres: construtores de Midraxes, homens de fé sólida e de fantasia inesgotável.

Giacoma Limentani coleciona esses Midraxes, narra-os e os faz viver e vibrar. Por sua vez os faz renascer e florescer, na esteira dos amigos mestres. E, uma vez que a sua alma está plasmada neles, nas escolhas, nos breves comentários, na musicalidade da



linguagem, ela mesma se manifesta, mais uma vez, "geratriz" de Midraxex. Renza Fozzati, na contracapa.

LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio - Do advento do cristianismo aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

Berço de três religiões e diversas civilizações, o Oriente Médio foi durante séculos o maior centro de cultura e idéias, de técnicas e comércio e, por vezes, de poderio militar e político do mundo antigo. O historiador Bernard Lewis mapeia aqui as sucessivas transformações por que passou essa enigmática região, desde a disputa territorial pelos impérios persa e romano até os dias de hoje, com o recrudescimento do fundamentalismo e a explosão da Guerra do Golfo. Nesse imenso e vibrante painel, descortinam-se dois mil anos de história: a implantação do monoteísmo e a difusão do cristianismo, o surpreendente e rápido desabrochar do islamismo ao longo de uma vasta área, as ondas de invasores do leste e as hordas de mongóis de Gengis Khan, a irrupção dos turcos otomanos na Anatólia, dos mamelucos no Egito e dos safávidas no Irã, culminando com o apogeu e o declínio do grande Estado otomano. Na parte final do livro o prof. Lewis discute o impacto, na época moderna, causado pela penetração da tecnologia e das idéias ocidentais, e as reações que provocaram. Riquíssimo em detalhes e com o aval de um inquestionável erudito, este brilhante panorama da história e das civilizações do Oriente Médio revela-se um curso memorável sobre o que representou, e ainda representa, para o mundo a fantástica saga dos povos árabes.

Ephraïm. *Jesus, judeu praticante*. São Paulo: Paulinas, 1998.

Esta obra insere o leitor no mundo judaico. Acostumados que estamos com o Cristo ocidentalizado, por vezes deixamos de ver o Jesus judeu, cumpridor de toda a Lei, querendo vê-lo muito mais como um rebelde com leis próprias, do que um seguidor da Torá e dos profetas. Ephraïm nos ajuda nessa viagem de volta à Palestina, não para entendermos o mundo greco-romano, para para mergulharmos no mundo judaico. Nas palavras do autor, o que ele deseja é "partilhar com os leitores a luz do sopro divino que permeia o claro e o escuro dos textos". O livro está dividido em temas, de modo que a sua leitura pode ser feita por partes aleatórias. A relação das tradições neotestamentárias com os midraxex, com a literatura apocalíptica judaica e tantos outros escritos antigos, mostra-nos que a inspiração dos evangelhos (estes, objeto da obra) não os colocou misticamente no ar, sem antecedentes ou conseqüentes, mas inseridos num mundo de crenças e tradições que merecem ser conhecidas e entendidas.

SCHERER, Odilo Pedro. *"Justo Sofredor" - uma interpretação do caminho de Jesus e do Discípulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1995, 357 p.



A obra de Scherer (Faculdade Teológica da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma) estuda com competência acadêmica e seriedade científica a difícil questão da "teologia do justo sofredor", como esta aparece empregada nos escritos do Novo Testamento para descrever o caminho de Jesus e o caminho também dos seus discípulos. Para tal fim, o presente estudo debate minuciosamente as premissas e argumentos da exegese contemporânea a este respeito, a partir da sugestiva teoria de Eduard Schweizer sobre o caminho de Jesus e dos seus discípulos, considerando igualmente a ampla discussão exegética e teológica provocada pela fecunda intuição schweizeriana.

As análises do Dr. Scherer mostram, com grande pertinência, que o paradigma teológico do "justo sofredor" não só está presente na cristologia da humilhação de Jesus, mas também na cristologia da exaltação e glorificação do Senhor ressuscitado, bem como na antropologia do discipulado de Jesus. A leitura não é fácil, devido aos minuciosos detalhes. Mas trata-se de uma pesquisa importante para os estudiosos do Novo Testamento

GARAUDY, Roger. *Deus é necessário?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, 168 p.

Foi na Europa do século XVI que surgiu a pretensão do homem de gerir o mundo em lugar de Deus. Este homem vislumbrou a felicidade de tornar-se mestre e senhor da natureza, além de dominar os outros homens e os continentes do planeta através da ciência e da técnica. Nos séculos XVIII e XIX o desejo de potência, de abundância e de expansão parecia não ter fim. A esse triunfo provisório denominou-se "progresso". Na primeira metade do século XX a grande crise de 1929 e duas guerras mundiais recolocaram em questão esse otimismo. Então surgiram, de Heidegger a Sartre, depois a Foucault, as ideologias desesperançadas do nada e do não-sentido: após a morte do homem, a morte de Deus. Para escapar ao naufrágio, outros pensaram que o mundo doravante era por demais complexo para ser pilotado pelo homem, e que era preciso recorrer ao computador para resolver todos os nossos problemas. Essa demissão do homem nos leva atualmente - após um "pretensioso parêntese" de cinco séculos - a estranhas perguntas, uma vez que a máquina não responde a nossas interrogações sobre os fins últimos e o sentido da vida. É sobre essas questões que essa obra de Garaudy se ocupa. Ele é autor de numerosos trabalhos sobre marxismo, cristianismo e islã, cuja fé professa. O presente livro é, no mínimo, necessário para os estudantes da teologia contemporânea.

SCARDELAI, Donizete. *Movimentos Messiânicos no Tempo de Jesus - Jesus e outros Messias.* São Paulo: Paulus, 1998, 374 p.

Em matéria de contexto religioso/político, essa obra é ímpar, pois foge da mesmice. Quando os discípulos de Jesus afirmaram que ele era o Messias, aquelas palavras nos chegam opacas, frias. Contudo, elas foram uma verdadeira *bomba* nos ouvidos dos judeus, que estavam bastante inteirados e imersos na perspectiva messiânica. "A obra está também interessada na separação de algumas razões que



levaram o povo judeu a não aceitar a messianidade de Jesus de Nazaré. Os motivos e as possíveis respostas devem ser buscadas na própria tradição judaica" (da capa final da obra). Sugiro uma leitura atenta, especialmente o capítulo II Antecedentes Conceituais do Messias no Primeiro Século. Boa leitura!

RUBENSTEIN, Richard E. *Quando Jesus se Tornou Deus - A Luta Épica sobre a Divindade de Cristo nos últimos dias de Roma*. Rio de Janeiro: Ficus, 2001, 296 p.

É uma obra para ser lida e relida. Rubenstein luta para se manter isento dos conflitos que ele narra, na tentativa de nos passar ao máximo as questões históricas que cercaram as decisões eclesiais nos séc. IV e V. *Os arianos acreditavam que Jesus era a pessoa mais santa que jamais vivera, mas não o Deus Eterno. Do outro lado, os seguidores de Atanásio, que acreditavam que Cristo era inteiramente Deus. Depois de muita luta, a Igreja adotou o Credo Niceno, que traduzia a linha de Atanásio e transformou em heresia a posição de Ário. A decisão ressoou por muito tempo, levando à divisão entre as igrejas católicas do ocidente e do oriente e a séculos de desconfiança entre católicos e judeus.* Aqui, então, o cuidado: como livro histórico o seu valor é inegável. Querer que vá além disso é forçar os objetivos do autor, que não é um teólogo, mas um analista social. Sua cadeira na Universidade George Mason o qualifica como professor de Resolução de Conflitos e Negócios Públicos.

HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado* (Petrópolis, Vozes, 2000).
Ver resenha do livro na seção "Arquivo de textos"

I SIMPÓSIO DE TEOLOGIA ANGLICANA NO BRASIL

LOCAL DEFINIDO – Será em Londrina, no Hotel Sumatra.

PALESTRANTES – Todos os palestrantes e retores estão confirmados:

REFLEXÕES BÍBLICAS

Coordenação da mesa: *Dom Sebastião Gameleira*

Palestrante: *Humberto Maiztégui*

Reação ecumênica: *Júlio Zabatiero*

REFLEXÕES TEOLÓGICAS

Coordenação da mesa: *Dom Jubal Pereira Neves*

Palestrante: Inclusividade – perspectiva teológica: *Jaci Maraschin*

Reação ecumênica: *Frei Marcelo Barros*



INCLUSIVIDADE E ÉTICA

Coordenação da mesa: *Dom Celso Franco*

Palestrante: *Dom Luis Osório Pires Prado*

Reação ecumênica: *Zwínglio Mota Dias*

QUESTÕES PASTORAIS

Coordenação da mesa: *Dom Glauco Soares de Lima*

Palestrante: *Dom Sebastião Gameleira*

Reação ecumênica: *Nancy Cardoso Pereira*

COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO E REDAÇÃO DO DOCUMENTO FINAL:

Os responsáveis por redigirem o esboço inicial do documento que deverá ser aprovado em plenário no último dia, são as seguintes: Revs. Ramacés Hartwig (relator), Elias Vergara, Jorge Aquino e Joanildo Burity

COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

A noite de 4ª feira está reservada para a apresentação de comunicações científicas. O tempo para as comunicações científicas é de 15 minutos para cada uma (10 minutos para a apresentação e 5 minutos para responder eventuais perguntas do auditório).

FITAS K7 E VHS

Firmamos uma parceria com Faculdade Teológica Sul-Americana, de Londrina. Eles estarão nos oferecendo a gravação de todas as palestras e debates em fitas k-7. Também editarão uma fita de vídeo VHS com os principais momentos do Simpósio (chegada, confraternização, refeições, palestras, debates, coquetel, etc)

Assim que as fitas K7 e VHS estiverem disponíveis, todas as dioceses e Seminários receberão gratuitamente uma cópia para que a utilizem nos Centros Diocesanos de Educação Teológica. Quem quiser cópias adicionais deverá adquiri-las na FTSA.

DEVOCIONAIS E EUCARISTIA

O "jeito anglicano" de fazer teologia pressupõe a experiência comunitária de louvor e adoração. Por isso teremos todos os dias um momento devocional e também celebração eucarística na 4ª e 6ª feira.

A eucaristia de encerramento será celebrada utilizando o Rito de Caapora (Diocese Anglicana do Recife). Presidirá a eucaristia, Dom Filadelfo Neto.